

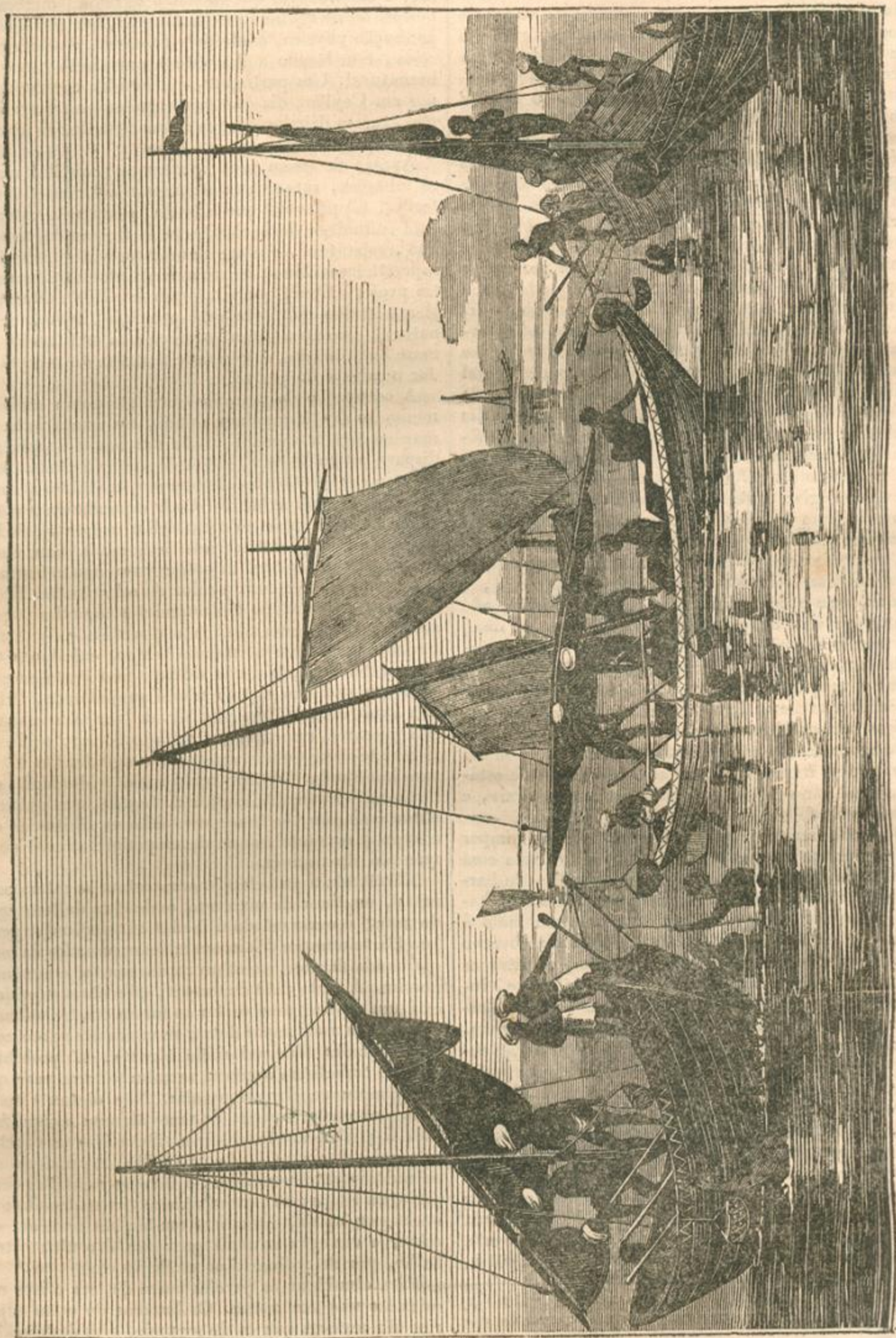
# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

47) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (MARÇO 24, 1838



PESCARIA DAS PEROLAS EM CEYLÃO.



## PESCARIA DAS PEROLAS EM CEYLÃO.

CEYLÃO, além da qual foram os nossos antigos navegantes abrir á Europa o caminho do oriente, como diz o poeta nacional,

“Passaram inda alem da Taprobana”

é uma grande ilha, que jaz ao sul do Indostão separada do cabo Comorim por um estreito de 50 leguas de largura. E' da figura de uma pera: tem 90 leguas de comprimento por 60 de largo das de 20 ao gráu; o paiz é montanhoso, mas fertilissimo, e abundante em especiarias, e o ar salutar. Os inglezes, que succederam aos hollandezes na posse da ilha, se fizeram absolutos senhores de toda em 1814, tomando prisioneiro o rei de Candia, e transferindo-o para Madrasta.

Nas costas de Ceylão se fazem copiosas pescarias de perolas, e como a este respeito correm algumas opiniões mal fundadas, daremos uma breve noticia extraída da obra do conde de Noe, par de França, que foi emigrado, e serviu na India como official das tropas britannicas. Este cavalheiro esteve por muito tempo de presidio nas paragens onde aquella pesca mais se exercita, e teve amplos meios de a observar.

As ostras das perolas [1] como as nossas ostras ordinarias, jazem em bancos mais ou menos profundos no mar. Os de Ceylão correm pelo lado occidental da ilha, a quinze milhas da praia, geralmente na profundidade de doze braças; e allí se faz a pesca das perolas ha uns poucos de seculos. Parece que esta fóra propriedade do soberano de Ceylão: os hollandezes, durante o seu dominio fizeram disso monopolio: o governo inglez continua a vender em hasta publica o privilegio da pescaria: mas estas vendas são feitas só por uma monção.

A pescaria sempre começa em Abril, porque então naquellas latitudes o mar está em calmaria, e dura ás vezes até o fim de Maio. Concorre a ella não só uma chusma de chingalás, ou naturaes da ilha, mas tambem nuvens de especuladores de toda a parte da vasta peninsula indica; e é cousa divertida observar a variedade de linguas, de usos, e de trajos que allí apparecem. Realçam esta scena pittoresca os abrigos temporarios, que levantam para se recolherem. Sobre uma praia d'antes solitaria erguem-se em breve espaço milheiros de cabanas fabricadas de estacas cravadas no chão, entrelaçadas com bambús, e colmadas de folhas de coqueiro.

O signal para começar a pesca é dado ao romper do dia por um tiro de peça; e logo se faz á vela com a brisa da terra uma innumeravel esquadra de barcos, que vão dar fundo nas paragens, que arrematarem os respectivos proprietarios; e mettem mãos á obra. Lá estão de guarda-costa navios do governo para manter cada um no seu districto, e evitar as desavenças. Cada barco leva capitão, e piloto, e vinte homens de companhia; dez são buzios ou mergulhadores, e mergulham revezando-se sinco de cada vez. Para profundarem com mais rapidez poem os pés sobre uma pedra amarrada com uma corda, e a espia fica segura a bordo para se alar. O mergulhador leva preso n'outra corda um sacco de rede, ou um cabaz, e a outra ponta deste cabo é sustida no barco por dois homens: leva tambem uma forte navalha para despegar as ostras, ou servir-lhe d'arma defensiva contra algum tubarão. Apanha-as com a maior promptidão, e mal tem o cabaz cheio, larga a corda com a pedra, puxa a que os dois homens seguram a bordo, e sobe á superficie d'agua com pasmosa rapidez.

(1) *Aricula margaritifera*. Lin. e Cuv. Madreperola, ou chipo, ou concha peroleira. E' um mollusco acephalo, do genero das aviculinas.

As historias maravilhosas, que se contam, ácerca do tempo que estes buzios permanecem debaixo d'agua distam muito da verdade. E' raro estarem mais de um minuto, segundo asseveram testemunhas oculares. E' quasi o mesmo tempo que aturam os mergulhadores da bahia de Napoles, que apanham a *frutta di mare*, [especie de pequeno marisco estimado] e os Gregos ilheus do Archipelago, que apanham as esponjas; e todos sabem que estes são os mais famigerados buzios, ou mergulhadores da Europa, que por sua organização physica, modo de vida sobrio, e muita practica, tem levado a sua arte a um apuro quasi sobrenatural. Um portuguez, que residiu desenove annos em Ceylão, diz que os mergulhadores desta ilha não aturam debaixo d'agua senão obra de dois credos, que se podem rezar em um minuto.

Apesar de serem mui numerosos naquelles mares os tubarões, raras vezes acontecem accidentes desastrosos. E' provavel que a bulha, e agitação causada pela infinidade de barcos, e pelos frequentes mergulhos, espantem, e afugentem os peixes vorazes. Os supersticiosos chingalás poem muita confiança em certos preservativos, que compram ás velhas. Mas tem já acontecido que nem este prestigio, nem a causa natural, que apontamos, atemorizam os tubarões; e nesse caso, a faca, e a grande destresa do mergulhador o salvam do perigo.

A occupação da pescaria dura até pouco mais ou menos as dez horas da manhaã, em que a brisa do mar começa a soprar; então um navio do governo dispara o tiro de peça, signal de voltar á praia. Aco-de logo grande chusma de homens, mulheres e rapazes a descarregar os barcos. Cada especulador tem um grupo de cabanas, e no meio dellas um espaço fechado com estacaria entrelaçada de bambús, mas descoberto: ahí depositam as ostras para apodrecerem o que cedo acontece com o calor do sol ardente. E' facto curioso que sendo tão numerosos aquelles pequenos cercados, e enormissima a quantidade de ostras, que allí apodrecem ao mesmo tempo, exhalando um fedor detestavel, a saude de immensa gente congregada em pequeno espaço não é prejudicada. “Em dois annos consecutivos [diz Mr. de Noe] que assisti a esta pescaria, nunca vi um soldado do meu regimento doente: europeus e sipaes todos egualmente logravam boa saude.” O cirurgião inglez, Marshall, observa na *topographia medica de Ceylão*, que naquelle clima onde são tão fataes e rapidos os effeitos da decomposição vegetal, os da decomposição animal quasi que não são nocivos.

Effectuada a putrefacção accarretam as ostras para arcas, ou tinas de madeira, onde lhes deitam agua do mar; e nesse estado é facil a extração das perolas. Certo numero d'homens todos arrumados da mesma banda da arca, sacodem rapidamente, e lavam as perolas. A cada cabo das arcas, que são compridas, está um olheiro para evitar os furtos dos trabalhadores; outros andam por detraz examinando se nas conchas deitadas fóra vai ainda alguma. E' prohibido aos que trabalham levarem as mãos á boca, para que não possam engolir as perolas. Não obstante todas estas precauções sempre ás vezes alguma escapa furtada á vigilancia dos olheiros. Extraídas as conchas as perolas ficam no fundo da vasilha. As maiores são cuidadosamente escolhidas, e lavadas repetidas vezes em agua limpa: as immediatas se tiram depois, e se enchugam ao sol, estendidas em toalhas brancas: escolher e enxugar as mais pequenas é o ultimo trabalho, que de ordinario as mulheres executam.

Para classificar as perolas usam de tres crivos encaixados uns nos outros. Os buracos do crivo superior são maiores que os do segundo, e os deste maio-



res que os do terceiro. As perolas, que não passam pelo primeiro são de primeira classe, as que ficam no immediato são de segunda classe, e as que escapam para o ultimo são de terceira. Mas ainda depois desta operação resta assignar os differentes valores a cada uma das perolas destas classes, que se distinguem pelas demais qualidades, que lhes dão preço, como a regularidade, e lisura da forma, a côr &c. E' para notar que na Europa são mais estimadas as de côr branca limpa, e os naturaes da ilha preferem as que são um tanto rosadas, e os indios, e outros orientaes, as amarelladas. Alem destas ha algumas d'outras cores.

“A perola [diz Mr. Noe] é uma molestia da ostra madreperola, que requer sete annos para se desinvolver. Se não é pescada dentro deste tempo, o animal morre, ou a perola perde-se. Quando acontece ser a monção tempestuosa o producto das ostras é muito diminuto; porque talvez nestas occasiões se abrem, e expellem as perolas. A madreperola, ou chipo, é do mesmo tamanho da ostra ordinaria, mas de figura oval, e chata por ambos os lados. O animal encerrado na concha tem barbas semelhantes ás dos mexilhões.”

Na epocha desta pescaria em poucas partes ha mais movimento do que na extremidade occidental de Ceylão. O concurso de gente naquella costa excede a muito mais de cem mil pessoas. As perolas logo alli são vendidas; mas não só este commercio como a concorrência de tanto povo chamam para alli mercadores de todos os generos. O extensissimo alinhamento de choupanas é um continuo *bazar* [feira ou mercado], onde tudo é vida, e actividade. Mas, passada a pescaria, naturaes e estrangeiros desaparecem, as cabanas vão a terra, e de raro se encontra no espaço de muitas milhas alguma habitação humana, reinando absoluta solidão até a monção do seguinte anno.

#### OLIVERIO CROMWELL.

CROMWELL nasceu em Huntingdon aos 25 d'Abril de 1599. Privado daquelles meios d'influencia, que dá ou o nascimento ou a fortuna, auxiliado unicamente pela força do seu character, e pelo concurso de circumstancias extraordinarias, Cromwell chegou a commandar exercitos, a derribar o antigo governo do seu paiz, a fazer com que fosse um rei justicado no cadafalso, e a apossar-se do supremo poder com auctoridade tal, como nunca exercitára monarcha algum da Inglaterra. Dizem que fôra Cromwell educado com bastante cuidado; porém nos seus primeiros annos elle não mostrou gosto ao estudo, aprendeu a muito custo um pouco de latim, e nunca se poz capaz em orthographia. Morto seu pae, deixou a universidade de Cambridge, e voltou para casa de sua mãe, que o mandou a Londres instruir-se nas leis; mas em vez de se applicar a este estudo, frequentou toda a casta de dissolução. Tinha apenas vinte e um annos d'idade, quando se cazou com Isabel Bourhier. Então mudou subitamente de costumes; entrou na seita puritana, e imbuu-se do enthusiasmo religioso, ou fingido ou verdadeiro, que manteve em toda a sua vida.

Habilitado com uma herança, foi, em 1628, membro do terceiro parlamento de Carlos primeiro, onde se distinguio pelas suas declamações contra o papismo. Tinha uma voz aspera e violenta, modos rusticos, e usava vestidos sujos e desalinhados; era de pequena estatura, tinha muita largura d'hombros, e rosto encarniçado. Dissolvido o terceiro parlamento, Cromwell tomou a resolução de passar-se á Nova-Inglaterra; porém um edicto real prohibiu as emigrações. Nos annaes da humanidade não ha talvez um

exemplo tão notavel da fatalidade. Obrigado foi Cromwell a ficar em Inglaterra por um monarcha, a quem elle havia de levar ao cadafalso. Da sua ficada resultou ser eleito membro da camara dos commons no parlamento de 5 de Maio de 1640. Este quarto parlamento foi subitamente dissolvido, e o obscuro deputado tornou a final a apparecer nesse *Long Parliament*, que devia ser o fundamento do seu poder, e a quem elle tinha de destruir. A revolução, que encetava a sua carreira, não se enganava na escolha do chefe; Cromwell foi admittido a todos os segredos da facção, que tendo a principio mostrado só o querer reprimir os abusos da auctoridade do monarcha, em pouco annunciou o projecto de querer aniquilar a monarchia. Abriu-se a guerra entre o rei e o parlamento. Cromwell levantou um regimento de cavallaria, cujo mando obteve; e á frente deste corpo assignalou-se pela sua habilidade, e valentia: nomeado depois logar-tenente do parlamento, em breve se constituiu alma de toda a empresa, restabeleceu, e organisou o exercito, e em os numerosos combates, a que assistiu, ficou sempre vencedor.

Tendo Carlos 1.<sup>o</sup> caído em poder dos revoltosos foi condemnado á morte. Um dos primos de Cromwell, então ao serviço da Hollanda, desembarcou em Inglaterra com o intento de salvar o rei: depois de lhe custar muito o fallar a Oliverio, trabalhou por lhe demonstrar a enormidade do crime, que iam commetter, e lançou-lhe em rosto que elle em outros tempos sustentára opiniões mais leaes. Cromwell respondeu que os tempos estavam mudados; que elle tinha jejuado e orado por Carlos 1.<sup>o</sup>, mas que o ceu ainda não tinha dado resposta. “Voltai á vossa pousada, disse elle ao parente, e não vos deiteis sem ter ouvido fallar em mim.” — A' uma hora da manhã um mensageiro de Cromwell veio dizer a seu primo que o conselho *tinha interrogado o Senhor*, e que o Senhor queria que o rei morresse. Cromwell assignou o seu nome na ordem da execução com aquellas bobices, que costumava misturar com as acções mais graves; mascarrou de tinta a cara de Martyn, que assignava immediato a elle. Pouco tempo havia que fôra Carlos degollado, Cromwell fez abrir a tumba para lhe tocar na cabeça, e se afirmar se realmente estava separada do corpo. Desde esse momento a ambição de Cromwell não teve limites; devia o seu poder á confiança d'um parlamento ignorante e fanatico, mas este parlamento o embaraçava algumas vezes; conheceu emfim que não podia chegar ao dominio absoluto senão transferindo a summa auctoridade para as mãos do exercito. Consequentemente em 1653 tomou o partido decisivo de dissolver esta mesma camara dos commons, que tão alto o levantára; encaminhou-se a Westminster com tresentos soldados, e tendo deixado fôra a tropa, apresentou-se só na camara. Ouviu um momento em silencio a discussão, depois levantando-se subitamente vociferou ultrajes contra a assemblea, accusou os membros della de tyrannia, de crueldade, de injustiça. “Cedei o logar [exclamou enfurecido]; o Senhor acabou comvosco, e escolheu outros instrumentos das suas obras.” Cromwell bateu o pé, e os seus tresentos arcabuseiros invadiram a salla. Vane quer levantar a voz “oh Sr. Vane, Sr. Henrique Vane [disse Cromwell] Deus me livre do Sr. Henrique Vane.” Então designando alternadamente alguns dos membros presentes — “Tu [lhes disse] és um bebado; tu um dissoluto; tu um adúltero; tu um ladrão.” Todos os deputados saíram em chusma. “Vós me constrangestes a isto [bradou então Cromwell]; eu tinha rogado ao Senhor que antes me desse a morte do que encarregar-me desta commissão.” Foi o ultimo que saiu, mandou fechar as por-



tas, e metteu as chaves na algibeira. No dia seguinte, lia-se pendurado na porta da camara um letreiro que dizia: *Quarto para alugar, não adereçado.*

Aos 16 de Dezembro de 1653, um novo parlamento, cuja convocação Cromwell dirigira, o declarou *protector da republica d'Inglaterra, d'Escocia, e de Irlanda*, com o titulo d'*Alteza*; e foi proclamado em Whitehall, palacio dos reis d'Inglaterra, no meio das maiores solemnidades. Cromwell desfez tambem este novo parlamento; e assim o protector recorria a estas frequentes despedidas das camaras, que tinham arruinado os Stuarts; mas o braço de Cromwell era muito mais poderoso que o de Carlos 1.<sup>o</sup> — Ponde de parte a illegalidade das medidas de Cromwell, illegalidade de que talvez se visse obrigado a usar em uma epocha de rebellião e de tramas, vereis que a usurpação deste homem celebre foi gloriosa. Os primeiros passos do seu governo foram dirigidos pela mais prudente politica; armazens abundantemente providos de viveres, o soldo do exercito pago constantemente um mez adiantado, o thesouro publico administrado com vigilancia, economia, e probidade, sem novos impostos; tudo isto o acreditou muitissimo. Compoz os tribunaes judicarios de legistas integerrimos e illustrados, e sem attender a opiniões politicas: Hale, um dos jurisconsultos mais sabios que teve a Inglaterra, inimigo declarado da revolução, foi nomeado juiz para o primeiro tribunal do estado. O protector quasi nunca procurou influir na administração da justiça, e em toda a duração do seu governo, o povo nunca ergueu queixas contra a independencia dos juizes. A sua vida particular foi simples, e sem fausto, vivendo só no meio dos seus amigos, e da sua familia. Conhecendo que a prosperidade do commercio era a verdadeira base do poder d'Inglaterra, o protegeu e lhe deu impulso em todos os seus variados ramos. E' constante que elle concebera a idéa da famosa Acta de navegação, que serviu para dar ao commercio inglez tanta vantagem sobre o de todos os outros povos.

Este Cromwell, que tão habilmente tirára vantagem das desavenças religiosas, e que adoptára a ridicula geringonça d'uma seita de fanaticos; este mesmo homem, quando chegou a senhor, mostrou em pontos de religião principios politicos, tão prudentes e tão moderados, quanto o permittia o espirito publico daquellas eras; estabeleceu por lei que o protestantismo seria o culto unico professado publicamente, mas deixou a cada um a liberdade de sua crença; o que já era muito em uma epocha que a intolerancia religiosa dominava em toda a Europa.

Porém o que mais distinguiu o character, e talentos politicos do protector, foi o seu procedimento para com as potencias estrangeiras. Guerreou os holandezes, que então possuíam uma respeitavel força naval, commandada por Tromp, Ruyter, e outros almirantes celebres. Porém a marinha ingleza tinha para lhes oppôr Blake. Depois de muitos e porfiados combates, onde sempre a bandeira ingleza levou vantagem, os holandezes foram compellidos a pedirem a paz, e a reconhecerem no mar a superioridade das frotas d'Inglaterra. Mazzarini, que regia a França, e que não podia sem descorar ouvir o nome de Cromwell, enviou-lhe um embaixador, e procurou sua alliança com signaes de respeito e de submissão pouco convenientes á dignidade da monarchia franceza. A côrte d'Hispanha se mostrou inda menos altiva; sollicitou debalde a amizade de Cromwell, e não pôde evitar uma guerra desastrosa. Mazzarini que estava colligado com o protector, enviou aos Paizes-Baixos um corpo de tropa, e tomou Dunquerque, que doou á Inglaterra. Blake entrou com uma esquadra no Me-

diterraneo, onde desde as cruzadas nenhuma frota ingleza ousára penetrar.

A Inglaterra se fizera a primeira nação da Europa; nunca o seu commercio se mostrára tão florecente, a sua marinha tão formidavel. Era esta a obra do talento de Cromwell; e se compararmos a energia do seu governo com a fraquesa do que elle destruiu, e com a corrupção do que lhe succedeu, confessaremos que nenhum soberano governou os tres reinos até alli, e ainda muito depois, com tanto saber e gloria.

Todavia Cromwell não foi feliz; chegado ao termo da mais audaz ambição, não achou senão amarguras e desenganos. Soube reprimir pelo ascendente do seu genio, e o vigor das suas armas as tentativas das nações estrangeiras; mas não pôde apaziguar no proprio paiz o rancor de seus inimigos. Eram estes numerosos; porque eram ao mesmo tempo os partidarios dos Stuarts e os republicanos de boa fé; eram os politicos e os guerreiros que tinham sido os instrumentos de seus projectos, e que não tinham parte nos fructos delles; eram sobre tudo as seitas fanaticas, que elle abatera e reduzira a não exercitarem influencia sobre o governo. Tentaram por vezes assassina-lo; os culpados foram severamente punidos, mas os supplicios não evitaram a repetição dos conluios. O terror entrou na alma de Cromwell, que nunca mais teve um momento de descanso; a idéa do punhal e do veneno gelava a coragem do homem, que se mostrára intrepido no ardor das batalhas. Trazia por debaixo do fato uma cota de malha; e nunca andava sem duas pistolas carregadas na algibeira; não ousava dormir duas noites de seguida no mesmo quarto. Este estado d'inquietação e d'angustia cresceu com a publicação do notavel folheto—*Killing is no murder*—: matar não é assassinar. Este papel teve muita extracção: Cromwell o leu, e tal impressão lhe fez, que desde então nunca mais o viram rir: conhecia-se abandonado pelo espirito da revolução, que lhe dera a grandeza. Esta revolução, que o tomara por guia, o não queria reconhecer por senhor; a sua missão estava cumprida; a sua nação e o seu seculo já não precisavam delle: porque [para nos servirmos d'uma bella imagem de Mr. de Chateaubriand] o tempo não pára a contemplar a gloria; serve-se della, e vai ávante.

Uma febre violenta veio pôr termo a uma existencia tão miseravel. Cromwell, fiel ao character que sustentára, declarou na sua doença que tivera revelações; e dizia aos medicos: "Não morrerei desta; recebi do ceu favoravel resposta: o Senhor attendeu ás minhas supplicas, e dos sanctos que estão em intima communicação com elle." Os capellães do seu palacio annunciavam o proximo restabelecimento do propheta; todavia elle logo morreu aos 13 de Setembro de 1658, com 59 annos d'idade: a sua carreira de gloria fôra rapida, porque tinha mais de quarenta quando começou a figurar na scena publica. Cromwell instituiu o protectorado electivo e não hereditario, reservando-se o direito de nomear successor; e pouco antes dos seus ultimos momentos designou como tal a seu filho primogenito Ricardo. Este fez magnificos funeraes a seu pae, e o mandou sepultar em Westminster. [1] A maior parte das côrtes da Europa tomaram luto como por um soberano alliado.

E' claro que Oliverio Cromwell devia ser bem diversamente julgado, no seculo em que viveu, e nos subsequentes. O tempo dissipou as prevenções que suscitaram os partidos politicos e religiosos, e a historia imparcial marcou o logar, que deve occupar na posteridade este homem, a quem grandes talentos e gran-

(1) L'annuaire n.º 42 — pag. 50 de 1791, 1.º



des crimes [segundo a expressão de Pope] condemnaram a uma fama immortal. Distinguiram-no especialmente a audacia de seus vastos e arriscados planos, a promptidão e a intrepidez na execução, e um talento fecundo em recursos para superar os obstáculos. Cromwell não estava tão preocupado do entusiasmo dos puritanos, como inculcava, e varias anedotas o testificam. Divertindo-se um dia a beber com

seus intimos amigos, procurava um saca-rólhas desgarrado; veio uma deputação de fanaticos para lhe fallar: respondeu-lhe que não podia porque estava occupado em *buscar o Senhor* [frase então da moda presbyteriana]. Voltando-se depois para os seus companheiros lhes disse: Que parvos! pensam que nós andamos a procurar o Senhor, e nós occupados em busca d'um saca-rólhas!



OLIVERIO CROMWELL.

#### O CASTELLO DE FARIA.

*Chronica do 14.º seculo.*

A BREVE distancia da villa de Barcellos nas faldas do Franqueira, alveja ao longe um convento de Franciscanos. Aprazivel é o sitio, sombreado de velhas arvores. Sente-se alli o murmurar das aguas, e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silencio daquella solidão, a qual, para nos servirmos de uma expressão do nosso Brito, com a saudade de seus horisontes parece encaminhar e chamar o espirito á contemplação das cousas celestes.

O monte se alevanta ao pé do humilde convento, formoso, mas aspero e severo como todos os montes do Minho. Da sua corôa se descobre ao longe o mar semelhante a mancha azul entornada na face da terra. O espectador collocado no cimo daquella eminên-

cia volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, e os prados e as fragas, e os soutos e os pinhaes lhe apresentam o panorama variadissimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre-Douro e Minho.

Este monte, ora ermo, silencioso e esquecido, já se viu regado de sangue: já ahi se ouviram gritos de combatentes, ancias de moribundos, estridor de habitações incendiadas, sibilar de setas, e estrondo de machinas de guerra.—Claros signaes de que ahi viveram homens; porque é por estes meios que elles costumam marcar o logar que escolheram para habitar na terra.

O castello de Faria com suas torres e ameias, com sua barbacaã e fosso, seus postigos e alçapões dentados, campeou ahi como dominador dos valles visinhos. Castello feudal da meia edade, a sua origem



se encerra nas trevas dos tempos que já lá vão ha muito: mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de marmore e de granito — o tempo — lhe coou pelos membros, e o antigo alcaicer das eras dos reis de Leão, desmoronou-se e caíu. Ainda no seculo dezesete parte da sua ossada estava tombada por aquellas encostas; no seculo seguinte já nenhuns vestigios d'elle restavam, segundo o testemunho de um historiador nosso. Um erimiterio fundado pelo celebre Egas Moniz era o unico eccho do passado que ahi restava. Na ermida fazia de altar uma pedra trazida de Ceuta, pelo primeiro duque de Bragança D. Affonso. Era esta lagem a mesa em que costumava comer Calabengala, ultimo senhor de Ceuta. D. Affonso, que seguira seu pae D. João 1.<sup>o</sup> na conquista daquella cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertenceram, levando-a consigo para a villa de Barcellos de que era conde. — De mesa de banquetes mouriscos, converteu-se essa pedra em ara do christianismo. Se ainda existe, quem sabe qual será seu futuro destino.

Serviram os fragmentos do castello de Faria para se construir o convento edificado ao sopé do monte: assim se converteram em dormitorios as sallas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os umbraes das balhesteiras e postigos em janellas claustraes. O ruido dos combates callou no alto dos montes; e nas faldas d'elle se alevantou a harmonia dos psalmos e o sussurro das orações.

Este antigo castello tinha recordações de gloria. Os nossos maiores, porém, curavam mais de praticar façanhas, do que de conservar os monumentos dellas. Deixaram por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heroicos feitos de corações portuguezes.

Reinava entre nós D. Fernando. Este principe, que tanto degenerara de seus antepassados em valor e prudencia, fôra obrigado a fazer paz com os castelhanos depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que esgotou inteiramente os thesouros do estado. A condição principal com que se poz termo a esta lucta desastrosa foi que D. Fernando cazasse com a filha delrei de Castella: mas brevemente a guerra se accendeu de novo; porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Telles, sem lhe importar o contracto de que dependia o repouso dos seus vassallos, a recebeu por mulher, com affronta da princeza castelhana. Resolveu-se o pae a tomar vingança da injuria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos; entrou em Portugal com um exercito, e recusando D. Fernando aceitar-lhe batalha, veio sobre Lisboa e a cercou. Não sendo o nosso proposito narrar os successos deste sitio, volveremos o fio do discurso para o que succedeu no Minho.

O Adiantado de Galliza, Pedro Rodriguez Sarmiento, entrou pela provincia de Entre-Douro-e Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavallo, em quanto a maior parte do exercito portuguez trabalhava ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veio o Adiantado até ás immedições de Barcellos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, lhe saíu ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Cea, e tio delrei D. Fernando, com a gente que pôde ajunctar. Foi terrivel o conflicto; mas por fim foram desbaratados os portuguezes, caíndo alguns nas mãos dos castelhanos.

Entre os prisioneiros se contava o alcaide-mór do castello de Faria, Nuno Gonçalves. Saíra este com alguns soldados para soccorrer o conde de Cea; vindo assim a ser companheiro na commum desgraça. —

Captivo o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello delrei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o em sua ausencia um seu filho; e era de crer que vendo o pae em ferros, de bom grado desse a fortaleza para o libertar; muito mais quando os meios de defensão escaçavam. Estas considerações suggeriram um ardil a Nuno Gonçalves. Pediu ao Adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castello; porque elle com suas exhortações faria com que seu filho o entregasse sem derramamento de sangue.

Um troço de bésteiros e de homens d'armas subia a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O Adiantado de Galliza seguia atraz com o grosso da hoste, e a costaneira, ou ala direita, capitaneada por João Rodriguez de Viedma, se estendia rodeando o castello pelo outro lado: o exercito victorioso ía tomar posse do castello de Faria que lhe promettêra dar nas mãos o seu captivo alcaide.

De roda da barbacan alvejavam as cazinhas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e ermas. — Os seus habitantes apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir scintillante das armas inimigas, abandonando os seus lares, se foram acolher no terreiro que se estendia entre os muros negros do castello e a cerca exterior ou barbacan.

Nas torres os atalaias vigiavam attentamente a campanha, e os almocadens corriam com a rolda [\*] pelas quadrellas do muro, e subiam aos cubellos collocados nos angulos das muralhas.

O terreiro aonde se haviam acolhido os habitantes da povoação, estava cuberto de choupanas colmadas, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres, e das creanças, que alli se julgavam seguros da violencia de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens de armas, que levavam preso Nuno Gonçalves, vinham já a pouca distancia da barbacan, os bésteiros que coroavam as ameias encurvaram as béstas; os homens dos engenhos se preparavam para arrojarem sobre os contrarios os seus quadrellos e virotões; e o clamor e o choro se alevantava no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto saíu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacan: todas as béstas se inclinaram para o chão; o ranger das machinas se converteu n'um silencio profundo.

“Moço alcaide, moço alcaide! — bradou o arauto, teu pae, captivo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmiento, Adiantado de Galliza, pelo muito excellente e temido D. Henrique de Castella, deseja fallar contigo, de fóra de teu castello.”

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro, e chegando á barbacan, disse ao arauto: “a virgem proteja meu pae; dizei-lhe que eu o espero.”

O arauto veltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves; e depois de breve demora o tropel se aproximou da barbacan. Chegados ao pé della o velho guerreiro saíu de entre os seus guardadores e fallou com o filho.

“Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castello, que, segundo o regimento da guerra, entreguei á tua guarda quando saí em soccorro e ajuda do esforçado conde de Cea?”

“É, respondeu Gonçalo Nunes, de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por elle fizeste preito e homenagem.”

(\*) Roldas e sobreroldas eram os soldados e officiaes encarregados de rondarem os postos e atalaias.



“Sabes tu, que o dever de um leal alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruinas delle?”

“Sei, oh meu pae! Mas [proseguiu Gonçalo Nunes em voz mais baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar] não ves que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistencia?”

Nuno Gonçalves, como se não tivesse ouvido as reflexões do filho, clamou então “Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castello de Faria! — Maldicto por mim, sepultado sejas tu no inferno como Judas o traidor, na hora em que, os que me cercam entrarem nesse castello, sem tropeçarem no teu cadaver.”

“Morra! — gritou o almocadem castelhano; morra o que nos atraçou.” — E Nuno Gonçalves caíu no chão atravessado de muitas espadas e lanças. “Defende-te alcaide!” — foram as ultimas palavras que elle pronunciou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacan, clamando vingança. Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros: — grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturaram o proprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos accometteram o castello: no primeiro dia de combate o terreiro da barbacan ficou alastrado de cadaveres tismados, e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmiento tinha sacudido, com a ponta da sua longa chucha, um colmeiro incendiado para dentro da cerca: o vento suão soprava nesse dia com violencia; e dentro em pouco os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do castello, pereceram juntamente com as suas frageis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldição de seu pae: lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores; e ouvia a todos os momentos o ultimo grito do bom Nuno Gonçalves: “Defende-te, alcaide!”

O orgulhoso Sarmiento viu a sua soberba abatida diante dos torvos muros do castello de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão; e o exercito castelhano foi constringido a levantar o cerco.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento, e pelas façanhas que obrara na defensão da fortaleza, cuja guarda lhe fôra encommendada por seu pae, no ultimo trance da vida. Mas a lembrança deste successo estava sempre viva na mente do moço alcaide; e, pedindo a elrei o desonerasse do cargo, que tão bem desempenhara, foi depor ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavalleiro, para se cubrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do sanctuario, era com lagrimas e preces que elle podia pagar a seu pae o ter cuberto de perpetua gloria o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta gloria, não ha hoje ahi uma unica pedra que a atteste: — as relações dos historiadores foram mais duradouras que o marmore.

#### CIDADES MAIS POPULOSAS DO MUNDO.

UM MODERNO estatistico allemão affirma que a cidade de Yedo no Japão é a mais populosa cidade de todo o mundo: o numero de habitantes que lhe dá é o de . . . . . 1:680 \$ 000  
O mesmo escriptor dá a Pekim . . . . . 1:500 \$ 000  
A Londres . . . . . 1:300 \$ 000  
A Hans-ischen [Asia] . . . . . 1:100 \$ 000  
A Calcutta [Asia] . . . . . 900 \$ 000  
A Madrasta [Asia] . . . . . 800 \$ 000

A Congù-ischen [Asia] . . . . .	800 \$ 000
A Nankim [Asia] . . . . .	800 \$ 000
A París . . . . .	717 \$ 000
A Warst-Chuna [Asia] . . . . .	600 \$ 000
A Constantinopola . . . . .	597 \$ 000
A Benarés [Asia] . . . . .	500 \$ 000
A Kio [o Meaco de que fallam os nossos missionarios do Japão] . . . . .	500 \$ 000
A Su-ischen [Asia] . . . . .	500 \$ 000
A Houngo-ischen [Asia] . . . . .	500 \$ 000

#### OS OFFERECIMENTOS.

EXISTEM em Alexandria dois obeliscos conhecidos pelo nome de *Agulhas de Cleopatra*. São duas antigualhas curiosas, de que fallam todos os que teem viajado no Egypto. Ha annos caíu um delles. Alguns antiquarios teem procurado tira-lo d'onde jaz e traze-lo para a Europa; mas todas as tentativas hão sido inuteis por causa do seu tamanho e peso. Ultimamente o pachá do Egypto, observando o grande apreço que os europeus faziam de todas as antiguidades do seu paiz, assentou em offerecer o obelisco derrubado ao imperador da Russia, em testemunho de amizade: escreveu-lhe, portanto, uma carta, pedindo-lhe que acceitasse o monumento, do qual podia dispor. O imperador, para lhe não levarem a palma da generosidade, respondeu com a mesma cortezia, e juncto com a carta mandou um annel de diamantes e uma caixa de tabaco que valiam 4:500 \$ 000 réis. Aceitou o pachá de bom grado o presente, e mostrando o caído obelisco aos embaixadores russos, lhes pediu fizessem os seus cumprimentos ao imperador, e levassem comsigo a antigualha para lh'a entregarem. Não achando isto facil os embaixadores, voltaram a Petersburgo com as mãos vazias. Passados tempos o pachá offereceu o obelisco ao imperador d'Austria, e recebendo tambem em troca da offerta um bom presente, disse aos embaixadores austriacos: “ahi está o obelisco: podeis leva-lo” — Os mesmos offerecimentos fez depois a outros dois soberanos da Europa, ambos os quaes mostraram que não ficavam atraz ao imperador da Russia, e da Austria, na sua gratidão por tão generosa offerta. Assim o obelisco derrubado de Alexandria tem sido o melhor objecto de especulação para o manhoso pachá.

#### AGUESA DE UM EMBAIXADOR PORTUGUEZ.

NO TEMPO de D. João 3.<sup>o</sup> foi mandado a Castella por embaixador Lourenço Pires de Tavora. Os motivos apparentes da embaixada eram de pouco momento: mas os secretos eram impedir o casamento da infanta D. Maria, e sua ida para Castella, no que se empenhava D. Leonor sua mae viuva d'elrei D. Manuel. Lourenço Pires de Tavora levava com manha este negocio, e com ardis lhe demorava a conclusão, que era o que se pertendia. Certo dia, em que o imperador Carlos 5.<sup>o</sup> apertava muito com o embaixador, taes escusas e duvidas apresentou este que o imperador se agastou a ponto de dizer com tom ameaçador: *Olhae que eu sei muito bem quantos rios, e quantas pontes tem o reino de Portugal*. Lourenço Pires de Tavora lhe respondeu immediatamente com grande serenidade de animo. *Senhor, tem os mesmos que tinha faz hoje tantos annos, tantos mezes e tantos dias*. Os annos mezes e dias cuja conta repetiu, eram exactamente os que tinham decorrido desde a celebre batalha de Aljubarrota, em que derrotado o rei de Castella D. João 1.<sup>o</sup> tinha sido obrigado a fugir



apressadamente para Hespanha, a fim de não caírem nas mãos dos portuguezes victoriosos, que o perseguiram.

#### CATACUMBAS DE ROMA.

As CATACUMBAS da antiga capital do orbe catholico são uma reunião de ruas ou gallerias subterraneas, cuja extensão e largura é desconhecida: cruzam umas por outras tantas vezes e por tão enredada maneira, que é perigosissimo metter-se muito qualquer por ellas dentro. Correu largo tempo na opinião vulgar que tinham sido abertas para servirem de cemiterio; mas isto é um erro. Eram antigamente as catacumbas minas de certa especie de arêa ou piçarra, chamada puzolana, de que os romanos se serviam para fazer cimento. Estes corredores teem regularmente de largura dois a cinco pés, e de altura quatro a oito pés. Não apparece alli casta alguma de abobada ou parede. O que torna interessante as catacumbas é o terem servido de asylo aos primeiros christãos contra as perseguições a que estavam expostos. Aqui, tambem, faziam as suas reuniões, celebravam as ceremonias do culto, e sepultavam os seus irmãos martyrisados, collocando ao pé do corpo de cada um os instrumentos do martyrio, ou um frasquinho cheio do seu sangue: em alguns casos o nome do martyr escripto ao pé, ou uma cruz mostrava o logar da sepultura de cada uma das victimas; mas tem-se achado muitas ossadas sem nenhum signal, de modo que se torna impossivel qualquer averiguação a respeito da pessoa alli enterrada. Em muitos sitios ha uma especie de camaras sepulchraes, cujos lados estão cheios de pinturas de assumptos tirados da Escriptura Sagrada.

#### VARIÉDADES DO REINO ANIMAL.

A SEGUINTE taboa apresenta as differentes especies de viventes que ha no mundo, classificados segundo o melhor systema de Historia Natural.

Mammaes.....	1:200
Aves.....	4:000
Amphibios.....	1:500
Peixes.....	7:000
Molluscos.....	4:500
Annelides.....	315
Crustaceos.....	259
Arachnides.....	138
Insectos.....	12:500
Enthelmentes.....	1:100
Radiarios.....	280
Medusas.....	208
Zoophytos.....	536
Rotarios.....	291
Infusorios.....	291

34:118

*Maximas escolhidas de Plutarco.* — Muitas vezes mais vale o calar a proposito do que o fallar muito.

O homem livre é só aquelle que obedece á razão.

Para saber fallar é preciso saber ouvir.

Se souberes ouvir, tirarás proveito até d'aquelles que fallam mal.

Os avaros de louvores provam que são pobres de merecimento.

Não dá em mim o meu servo quando me sacode os vestidos, e o mesmo acontece ao que me lança em rosto os accidentes da natureza ou da fortuna.

O que um principe melhor aprende é a equitação, porque o seu cavallo não o lisonjeia.

Annos  
de  
J. C.

SEMANARIO HISTÓRICO.

18 de Março.

1506 — D. Lourenço d'Almeida accomette a armada do Çamorim, e depois d'um renhido combate são mettidas a pique e queimadas muitas embarcações inimigas, ficando a victoria aos portuguezes.

19

1373 — Celebram-se pazes pela segunda vez entre elrei D. Fernando de Portugal e D. Henrique de Castella.

1604 — Nasce em Villa-Viçosa o duque de Bragança D. João, depois aclamado rei de Portugal na revolução de 1640.

1808 — Carlos 4.<sup>o</sup> d'Hespanha abdica em seu filho, Fernando 7.<sup>o</sup>, a corôa daquella monarchia.

20

1247 — Morre elrei D. Affonso 3.<sup>o</sup> de idade de 69 annos, tendo reinado 32.

1492 — Descobrimto da America. Os tres navios de Christovam Colombo chegam á ilha de Guanahani, uma das Lucayas. — No mesmo dia, no anno de 1499 passou Vasco da Gama o cabo de Boa-Esperança na sua volta do descobrimto da India.

1727 — Morte de Isaac Newton, o reformador da philosophia. Tinha nascido a 25 de Dezembro de 1642.

21

1464 — Elrei D. Affonso 5.<sup>o</sup>, que se achava em Africa, faz uma entrada pelas terras dos mouros: é derrotado e obrigado a fugir. Morrem muitos cavalleiros para salvarem elrei, e entre elles o esforçado conde de Vianna D. Duarte de Menezes, governador de Alcacer-Ceguer.

1519 — A fortaleza do rio de Muar, pertencente ao rei de Bintão, é attacada por uma pequena armada de portuguezes que a levam á escala vista, e a queimam, depois de recolhidos os despojos, em que entraram trezentas peças de artilharia.

22

1612 — Francisco Roxo, general da ilha de Ceylão, com 300 portuguezes e 4:000 lascarins derrota o rei de Candia que capitaneava um exercito de 12:000 homens com muitos elephantes armados.

23

1279 — Acclamação d'elrei D. Diniz.

1301 — Morte de Paulo 1.<sup>o</sup> da Russia que segundo uns morreu de uma apoplexia, segundo outros foi afogado com o seu proprio cincto.

24

1633 — Os hollandezes attacam a nossa fortaleza do Arraial, em Pernambuco; são rechagados com grande perda.

1455 — Morte do papa Nicolau 5.<sup>o</sup> um dos maiores homens do seu tempo, e grande protector das letras.

1603 — Morte da rainha Isabel d'Inglaterra, depois de um glorioso reinado de 45 annos, e tendo de idade 70.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.<sup>o</sup> 55 = 1.<sup>o</sup> andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.